

Nunca recebeu uma lição de pintura, nunca pintou um quadro até aos 78 anos—e nos últimos 23 anos de sua vida essa gentil mulher do campo empolgou a América e a Europa “pintando a sua memória”

Vovó Moses e Sua Incrível Carreira

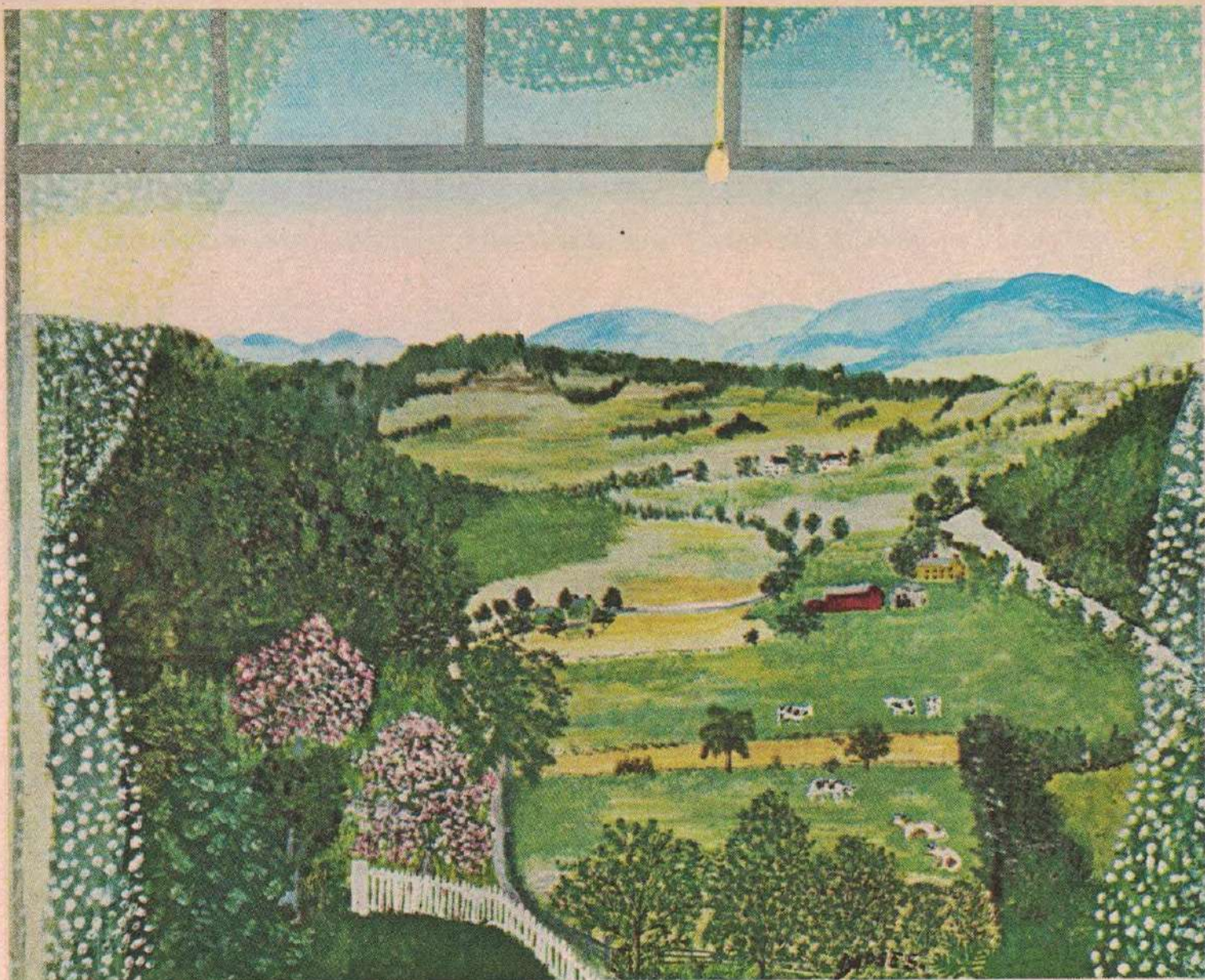
TINHA 78 ANOS quando começou a pintar. Nunca tivera uma lição de pintura, nunca entrara numa galeria de arte, e não recebera mais de alguns meses de qualquer espécie de instrução. Tôda a sua vida se havia passado em fazendas, durante 15 anos como empregada. Tinha artrite nas mãos e, do ponto de vista artístico, não sabia a diferença entre um quadro original e uma cópia de um postal bonito. Entretanto, 10 anos depois, Anna Mary Robertson Moses era uma das artistas mais conhecidas do mundo.

A sua carreira não tem paralelo. Aos 90 anos, quadros que ela acabara de pintar figuravam em galerias e exposições nos Estados Unidos, na Áustria, na Alemanha, na Suíça, na Holanda e na França. Quando completou 100 anos recebeu cum-



DON WHARTON

FOTO: GALERIA ST. ETIENNE, NOVA YORK



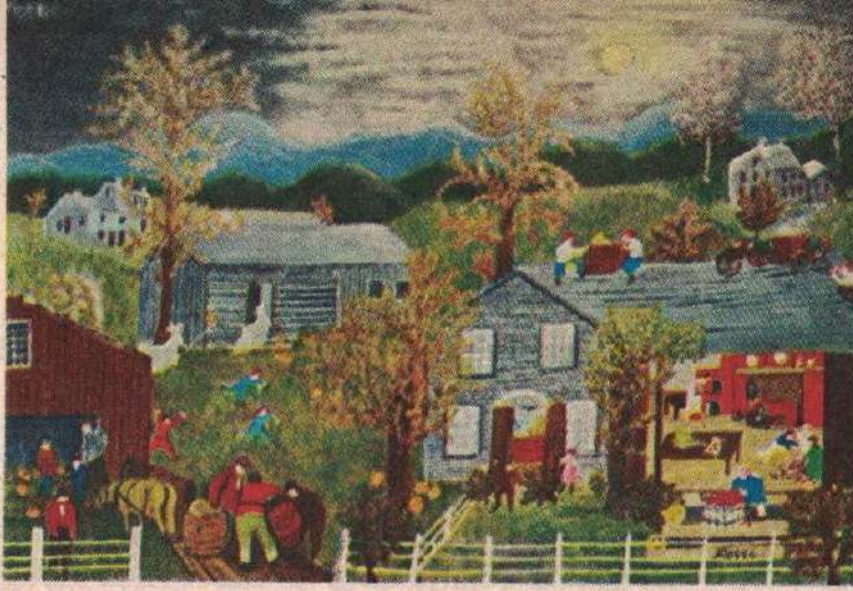
"O Vale de Hoosick Visto da Minha Janela"

primentos de todo o mundo, inclusive dos quatro presidentes vivos dos Estados Unidos. Quando morreu, em 1961, com 101 anos de idade, a notícia apareceu na primeira página dos jornais através da Europa e da América. Só hoje, com a perspectiva de mais alguns anos, podemos perceber todo o encanto desta fabulosa história.

Anna Mary Robertson nasceu em 1860, de modesta família de lavradores com 10 filhos, no interior do Estado de Nova York, perto da fronteira de Vermont. Aos 12 anos



"Mary e o Cordeirinho"



"Halloween"



"Tirando Açúcar de um Bosque de Bórdos"

saiu de casa para ir ganhar a vida como empregada numa fazenda. Com apenas 15 anos cozinhava três refeições diárias, capinava, lavava roupa, arrumava a casa, passava a ferro e batia manteiga. Trabalhou assim para uma série de famílias até que, aos 27 anos, se casou com Thomas Moses, um empregado de fazenda que ela achou "de boa família, muito moderado e econômico".

Mudando-se para a Virgínia, fazia não só o trabalho comum de mulher de lavrador, mas ainda trabalhava longas horas extras para au-

mentar as rendas da família. Em certa época, fazia e vendia mais de 70 quilos de manteiga por semana. Quando o marido começou a vender leite, cabia-lhe a tarefa de lavar, encher e fechar 100 garrafas por dia. Teve mais tarde a idéia de preparar batatas fritas para trocar por gêneros, e dentro em pouco as fazia aos barris a fim de remetê-las para as cidades vizinhas. Nesse meio tempo, ia tendo filhos—10 entre 1888 e 1903, dos quais apenas cinco sobreviveram.

Essa vida monótona e cansativa,

aceita sem queixas e aparentemente apreciada, continuou depois que ela voltou para as montanhas da sua terra em 1905 e se estabeleceu numa granja leiteira. Ano após ano seguia a mesma rotina: segunda-feira, dia da lavagem de roupa; terça, passar a ferro e remendar; quarta, fazer pão e arrumar a casa; quinta, costura; sexta, costura e trabalhos avulsos, como tratar do jardim e da horta; sábado, mais arrumação—tudo isso além de cozinhar para toda a família, fazer sabão, colher frutas, fazer conservas, derreter toucinho, polir e limpar os candeeiros de querosene. Só aos 76 anos ela teve eletricidade em casa.

Não é de estranhar, portanto, que quando ela se dedicou à pintura fôsse mais por motivos práticos do que poéticos. “Se eu não começasse a pintar”, explicou ela, “teria criado galinhas. Nunca poderia ficar sentada numa cadeira de balanço, à espera de que alguém viesse ajudar-me.”

Com mais de 70 anos, o marido morto e o trabalho de casa já pesando demais para ela, começou a fazer quadrinhos coloridos de lã passada por malhas de filó—chamados quadros de lã. Mas suas mãos artríticas pioraram, e em 1938 uma irmã sugeriu que a pintura seria “melhor e mais rápida”. Usou no seu primeiro quadro tintas de pintar casas e um retalho de lona que sobrava do conserto de uma máquina debulhadora.

Não atribuía à sua pintura maior valor “do que o de fazer trabalho

de agulha”. Expôs pela primeira vez os seus quadros numa feira local, apresentando-os juntamente com as suas conservas de frutas e geléia de framboesa. As conservas e a geléia foram premiadas, mas os quadros não mereceram atenção. Foram depois colocados por ela em exposição numa farmácia local, com a esperança de conseguir alguns dólares. Aí aconteceu chamarem a atenção de Louis J. Calder, um homem de negócio de meia-idade, que vivia a comprar antiguidades americanas. Comprou os quatro quadros, a três dólares cada um os menores e a cinco dólares os maiores.

Ela soube naquela noite que haviam dito ao homem que ela tinha mais 10 quadros e que êle iria à fazenda no dia seguinte para comprar tudo. Foi deitar-se preocupada porque não tinha tantos assim. Lembrou-se então de um grande quadro que havia pintado do Vale de Shenandoah, na Virgínia, e “pensei que se pudesse encontrar molduras, pela manhã, poderia cortar aquêle pelo meio e fazer dois, e foi o que eu fiz, e dêsse modo tinha os 10 quadros quando êle apareceu”.

Êsses quadros não figuram entre as obras importantes de Vovó Moses e os negociantes de quadros não se interessaram por êles. Mas menos de um ano depois, por puro acaso, Calder encontrou numa lanchonete de Nova York uma mulher que lhe disse que conhecia um negociante de quadros de Viena, que fôra estabelecer-se em Nova York por causa

da guerra, que estava genuinamente interessado em arte popular. Esse negociante era Otto Kallir, que, ao ver dois quadros dessa camponesa, quis ver mais. E, quando viu mais, quis ver ainda mais. Um ano depois, Kallir organizou para essa pintora desconhecida uma exposição individual a que deu o habilidoso título de “O que Uma Mulher do Campo Pintou”.

No dia 8 de outubro de 1940, na véspera da inauguração da exposição, ocorreu um fato decisivo para a vida profissional de Anna Mary Robertson Moses. Numa notícia não assinada no *Herald Tribune* de Nova York, um repórter referiu-se à nova artista como “Vovó Moses”. O redator que leu a matéria colocou o nome no título da notícia. As revistas e outros jornais reproduziram-no depois. O nome pegou tão bem que milhões de pessoas nunca a conheceram por outro, nem tiveram a menor idéia do seu nome todo. Ela deixava que as pessoas estranhas assim a chamassem e usou ela mesma o nome, escrevendo lentamente aos 93 anos “Vovó Moses” em quase 400 cartões de Natal. Um importante negociante de obras de arte afirma hoje que, depois do fato de ser uma verdadeira artista, o fator mais importante da sua popularidade foi esse nome familiar.

Naqueles primeiros anos, Vovó Moses não pintava um quadro enquanto não tivesse uma moldura pronta e não houvesse serrado um pedaço de tábua de fibra de madeira

para adaptá-lo à moldura. Raramente pintava em tela. Fazia amigos e parentes vasculharem os sótãos à procura de espelhos e molduras de quadros abandonados, e depois, com martelo, pregos e madeira sintética, ajeitava as molduras estragadas. Quando a procura de quadros ultrapassou o seu sortimento de molduras, vendia-os sem moldura. Mas isso não lhe agradava. “É o mesmo que deixar meus filhos saírem com roupas esfarrapadas.”

Nunca teve um atelier. Pintava no seu quarto na casa da fazenda e às vezes, no verão, usava a varanda. Fazia os quadros às fornadas, como biscoitos, para economizar tintas, usando o mesmo azul para cinco ou seis céus, o mesmo verde para tôdas as árvores—“dessa maneira, não se dá tempo para as tintas ressecarem”. Quando tinha 88 anos, disse: “Posso começar um lote de cinco na segunda-feira e ter tudo pronto no sábado.” Pintou mais de 1 500 quadros nos seus últimos 20 anos de vida.

Foi dito que “Vovó Moses era uma indústria”. Era de certo modo verdade. Sob a hábil direção de Kallir, foi fundada uma firma com o nome de Grandma Moses Properties Incorporated, que lhe registrou o nome como marca de comércio, estabeleceu direitos autorais sobre os seus quadros e vendia os direitos de reprodução, cabendo à pintora uma percentagem sobre cada dólar recebido. Hallmark, grande firma americana de cartões de cumprimentos,

vendeu em 10 anos mais de 35 milhões de cartões de Vovó Moses. Foram assinados contratos com casas de tecidos. Ao todo, muito mais de um quarto de milhão de dólares em *royalties* foi entregue a essa mulher suave, lépida, que lembrava um passarinho. Foi festejada, homenageada, televisionada; foi recebida na Casa Branca e era adorada por milhões.

Mas Vovó Moses nunca alterou a sua maneira frugal e econômica de viver. Aproveitava as latas de café usadas para guardar as tintas e velhos potes de creme facial para guardar os pincéis. Trabalhava às vezes com um pincel até que ficava completamente gasto. Antes de começar um quadro, passava na tábua de fibra três mãos de tinta neutra—"assim não tenho de gastar tanto a tinta de côr, que é muito cara".

Fazia questão de receber alguma coisa em pagamento de cada quadro, como se fôsse um vidro de geléia, mas era indiferente a quantias altas. Quando Otto Kallir lhe enviou em 1947 um cheque de 12 000 dólares de *royalties*, ela não o descontou. Depois de duas cartas dêle, o cheque ainda estava por descontar. Kallir fêz-lhe uma visita em Eagle Bridge, instou com ela para que recebesse o cheque, fê-la prometer, voltou no dia seguinte e encontrou-a sentada diante de uma mesa onde estavam empilhados grandes maços de notas de 5 a 10 dólares—no total de 12 000 dólares. Kallir insistiu então em que ela contratasse um advogado para dirigir-lhe as finanças.

Embora todos pensem num quadro de Vovó Moses como uma paisagem rural com um belo fundo das Montanhas Verdes, ela raramente "pintava do natural". Dizia que sentar-se ao ar livre com um cavalete era "muito pouco prático". Trabalhava dentro de casa diante de uma mesa, "com tudo isso aqui na minha cabeça". Pintava uma paisagem e depois "coloco os rapazes e as vacas".

Os críticos observaram que as suas figuras não projetam sombras. Nunca dominou a perspectiva nem a proporção—um homem no fundo de um quadro pode ser até maior do que um cavalo no primeiro plano. Entretanto, quando os seus quadros são olhados em conjunto, há nêles uma perfeição que empolga e faz esquecer as extravagâncias e os defeitos de técnica.

Vovó Moses abandonou em breve o seu hábito inicial de copiar cartões-postais e fotografias do Taj Mahal e do Castelo de Chillon, no Lago de Genebra. Cada vez mais "pintava a sua memória". Continuou aprendendo e melhorando e acertou o passo por volta dos 85 anos. Kallir comprava tudo o que ela lhe mandava, deixando de lado o evidentemente inferior e só expondo os quadros que na sua opinião eram mais representativos do seu talento e do seu estilo.

Anna Mary Robertson Moses foi um traço de união entre duas eras. Quando ela nasceu, o Presidente dos Estados Unidos era James Buchanan, um homem que nascera no

século XVIII. A menina cuja primeira fotografia foi tirada em 1864, com a cabeça prêsá num grampo para impedi-la de mexer-se e evitar que o retrato ficasse tremido, viveu o suficiente para dormir com um cobertor elétrico e ver televisão (“monótona”). Mas há muito mais no seu encanto do que a idade ou o fato de que, como Utrillo, ela nunca freqüentou uma escola de pintura. Muitos críticos dizem que essa simpatia é em parte a nostalgia de uma infância simples, tranqüila e feliz— a infância que alguns tiveram e outros desejariam ter tido.

Fôssem quais fôssem a natureza e as origens da simpatia inspirada por Vovó Moses, o certo é que ela foi universal. Quando as suas obras chegaram à Europa, os aplausos dos críticos foram ainda maiores do que nos Estados Unidos. Em Moscou, 100 000 pessoas foram ver sua exposição. Em Munique, alguém escreveu no livro dos visitantes: “Quase se pode sentir o ar puro descendo das montanhas.” E em Salzburgo,

o caixa da galeria de arte, que tinha anos de observação do público, disse: “Noventa e cinco por cento dos visitantes saíram da exposição felizes e contentes, murmurando: ‘Que beleza!’”

Vovó Moses disse uma vez: “Gosto de pintar coisas antigas—alguma coisa realmente bonita.” Fêz mais, muito mais do que isso e viveu para ver um dos seus quadros pendurados na Casa Branca e outro no Museu Nacional de Arte Moderna de Paris. Jean Cassou, ex-diretor do Museu, observou que Vovó Moses “nos fêz saber que ainda resta nesta terra um pedaço do paraíso”.

Mais importante do que ter os seus trabalhos em museus foi, porém, o fato, registrado por outro europeu, de que Vovó Moses tornou a sua terra “amável mesmo para os que não a conhecem por experiência pessoal”. Qualquer pessoa pode amar a terra, mas é incrível que alguém possa aos 78 anos aprender a transmitir êsse sentimento a multidões no seu país e no estrangeiro.



ACABAVA de ser anunciada a evacuação da Fôrça Expedicionária Britânica da Noruega. Dois jovens marinheiros que passavam pela estação de Waterloo, em Londres, pararam para conversar com um grupo de soldados ocupados preparando suas mochilas. Quando perguntaram aos soldados para onde iam, êstes guardaram silêncio, em obediência às medidas de segurança que lhes eram recomendadas. Mas um dos marinheiros observou:

—Seria melhor vocês dizerem logo de uma vez, porque assim depois nós saberíamos onde ir buscá-los.